

Copa do Mundo de 1978. Reflexões nacionais da Revista Placar a partir da seleção brasileira.¹

Alvaro Vicente do Cabo
UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UCAM-Universidade Cândido Mendes

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estabelecer reflexões sobre a cobertura efetuada pela Revista Placar sobre a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1978. Críticas veladas ao padrão tático chamado de “futebol força” e a comissão técnica capitaneada por Cláudio Coutinho e a exaltação a jogadores específicos louvados como rebeldes demonstram uma tendência a utilizar a esfera esportiva como um espaço de ataque ao regime militar e a estrutura de dominação estatal da C.B.D (Confederação Brasileira de Desportos) A flexibilização do discurso na revista é observada como importante elemento contestador.

Palavras-chave

Copa do Mundo, Revista Placar, Ditadura militar, Futebol-força.

INTRODUÇÃO

A partir da visão do sociólogo Pablo Alabarces a Copa do Mundo de 1978 possui uma ambiguidade intrínseca para a Nação argentina. Ao mesmo tempo que representa o auge do nacionalismo futebolístico no discurso oficial da ditadura comandada pelo general Videla, se consolida como uma metáfora do silêncio e do que se escondeu.

El nacionalismo futbolístico alcanza su pico en este Campeonato Mundial de 1978. Pero se trata de un nacionalismo en el que podemos acceder a un solo soporte: el discurso oficial. Toda outra palabra em el contexto de la ditadura se queda silenciada. Los testimonios sobre el Mundial que señalan un grado máximo o mínimo de distancia sólo aparecen hacia el final de la dictadura cuando el campeonato comienza a transformar-se en una metáfora del ocultamiento y el silencio frente a como, veremos su simbolización como júbilo, festejo y unitarismo en el momento de su realización. (ALABARCES: 2008, 120-121)

O historiador Marcos Novaro (2011) descreve a adesão de muitos argentinos, principalmente da classe média e setores conservadores, a ditadura militar, e à contracampanha publicitária do “processo”² que tinha como lemas “Defenda sua Argentina” e “Os argentinos são direitos e humanos”.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² O termo processo é utilizado entre vários autores, dentre eles Novaro (2011) e Romero (2001) para se referir ao período autoritário (1976-1983).

Ademais, afirma também que a vitória no torneio foi apresentada pelo regime como maior prêmio na nova onda de modernização do país;

En 1978 comenzaron a regresar al país muchos artistas que habían exiliado antes o poco después del golpe, muchos de ellos perseguidos pela Triple A, y se reinsertaron en los circuitos de teatro, el cine y la televisión. Em forma más extendidas las clases medias y altas disfrutaron de una nueva ola de modernización del consumo facilitada por la apertura comercial y el dólar barato. De lejos el más sintomático de estos “prêmios” con que el régimen invitaba a los argentinos a participar del nuevo orden fue el Mundial de Fútbol realizado en el país a mediados de ese año. (NOVARO;2011,154)

Apesar das intensas transformações econômicas liberais no país caracterizadas como uma “onda de modernização” e da postura supostamente passiva de grande parte da população durante o torneio, a ditadura não era uma unanimidade. Segundo o historiador Luis Romero (2001), o ano de 1978 foi emblemático no que concerne discursos nacionais, mas esta nunca tinha sido a intenção dos militares:

El gobierno militar nunca logró despertar ni entusiasmo, ni adhesión explícita en el conjunto de la sociedad, pese a que lo intentó, a mediados de 1978, cuando se celebró el Mundial de fútbol y las máximas jerarquías asistieron a los estadios donde la Argentina obtuvo el título, y a fines de ese año cuando agitando el más turbio sentimiento chauvinista poco faltó para iniciar una guerra con Chile. Sólo obtuvo pasividad, pero le alcanzó para encarar las transformaciones profundas que – en su prospecto – habrían de eliminar definitivamente los conflictos de la sociedad y a la eliminación de cualquier posible respuesta. (ROMERO, 2001,p. 211-212)

A participação brasileira no campeonato mundial de 1978 realizado na Argentina era vista com desconfiança na principal revista esportiva do país. Os jornalistas da Placar antes de iniciar o torneio faziam críticas futebolísticas ao treinador capitão Cláudio Coutinho, com relação a escalação da equipe e a possíveis invenções táticas como o “overlapping” e o ponto futuro, mas também se referiam implicitamente em diversas reportagens a uma suposta conduta autoritária, originária da sua patente militar.

No caso específico do olhar da Revista Placar sobre o mundial disputado na Argentina é possível identificar críticas veladas ao regime autoritário brasileiro a partir do que acontecia com a seleção nacional de futebol antes e durante o torneio.

Desde reportagens criticando e denunciando a falta de liberdade de expressão dentro da seleção, passando pelo debate em torno de figuras simbólicas como Rivelino, Reinaldo e Paulo César Caju até a utilização da discussão tática futebol força x futebol arte como uma metáfora Ditadura x Democracia.

A cobertura do periódico, mesmo não sendo um órgão alternativo, estabelece reflexões nacionalistas que podem ser identificados como contestadoras do regime ditatorial em vigor no país dentro de fronteiras específicas possíveis na conjuntura histórica do ano de 1978.

Isto posto, o objetivo do presente artigo³ é fomentar algumas reflexões sobre a cobertura da revista no que concerne os discursos emitidos sobre a seleção nacional e sua campanha no mundial da Argentina. Como algumas reportagens e o próprio editorial da Placar estabelecem metáforas e críticas veladas que transcendem o âmbito esportivo e se manifestam no próprio domínio político do país.

a) O silêncio que sufoca o caráter e o louvor à suposta rebeldia.

Faltando um mês para o início da Copa, após o retorno da equipe de uma excursão à Europa e Oriente Médio onde disputou amistosos com fortes seleções como França, Alemanha e Inglaterra, mas também se expôs enfrentando times como a Internazionale de Milão, Atlético de Madri e Al Ahly da Arábia Saudita, o trabalho da comissão técnica é veementemente criticado como no Editorial da edição n. 418 assinada por João Aersa e Ronaldo Kotscko:

Temos um mês para resolver velhos problemas e os novos que esta louca excursão fez surgir em busca do tempo perdido.

Em um mês precisamos ter uma equipe definida e um esquema de jogo pronto para funcionar. Tempo curto demais?

Talvez, mas não há solução: nestas três semanas de fatigante excursão nada se definiu a não ser o fato de que estamos bem longe da seleção ideal. O drama é maior porque não se resume a nomes ou novas convocações: trata-se de encontrar um esquema tático que realmente devolva ao Brasil o seu futebol campeão do mundo. (PLACAR: 418,3)

Os mundiais anteriores eram acionados de forma distinta na reflexão sobre as expectativas em torno da Copa na Argentina. Enquanto a seleção que conquistou o tricampeonato no México já era apontada como paradigma do futebol nacional, a equipe de 1974 simbolizava o retrocesso, sobretudo na sua postura que era considerada defensiva.

Entretanto, em reportagem assinada pelo jornalista Jairo Régis, editor responsável da revista, intitulada “Futebol sem caráter”, são estabelecidas comparações com a equipe que disputou o Mundial na Alemanha (1974) para se afirmar que o suposto “futebol brasileiro” corria ainda mais riscos de ser “descaracterizado” nos gramados argentinos devido à passividade do grupo.

³ O escopo de análise deste artigo foram 14 edições da Revista Placar (415-428), no período de 07/04/1978 até 06/08/1978.

Chega-se então ao que torna mais grave o episódio de agora. Em 1974, o que se tentou foi acima de tudo descaracterizar o nosso futebol. Fomos à Europa e jogamos naquele absurdo esquema de uma retranca disfarçada. Mas fomos com uma seleção que, em termos de valores individuais estaria bem perto de ser o melhor que poderíamos formar. Levamos por exemplo para ser o maior lateral da Copa, para estarrecer o banco brasileiro com suas investidas – gente como Marinho. Como o temperamental Rivelino. Como levamos também um Paulo César, talvez por demais interessado em proteger as próprias canelas, mas seguramente pouco inclinado às curvaturas ou às submissões de estilo. Mandamos para a Alemanha uma verdadeira representação brasileira. Mandamos nosso talento, nossa picardia, nossa malícia. E nossos problemas também. Se é assim que se quer ver por exemplo a participação de Marinho e Paulo César na Copa de 1974. Resumindo: houve uma tentativa de descaracterizar o futebol brasileiro, mas não se conseguiu. Em 1974 – isso que parece ter-se transformado no novo objetivo da seleção: a despersonalização não mais do futebol, mas do jogador brasileiro. Sem Marinho e sem Paulo César, talvez tenhamos uma excelente seleção para uso externo, para a complementação de uma imagem de país sem problemas, sem surtos de mau comportamento. Ou até uma maravilhosa seleção em termos de convívio interno; ninguém reclamando de bichos, ninguém preocupado com o que ocorre além dos limites da concentração. Todos perfeitamente convencidos de que a seleção é o seu mundo, a Copa o seu destino. Aí tudo passa a ser muito natural. (PLACAR: 418, 9)

É possível identificar que além da preocupação com uma teórica perda de identidade do mítico estilo de jogo brasileiro, o articulador questiona uma conduta possivelmente passiva dos jogadores brasileiros e a política institucional de construir uma imagem positiva externa da seleção.

A ausência na lista prévia de jogadores considerados imprevisíveis ou até rebeldes como Marinho Chagas e Paulo César Caju demonstra uma preocupação com uma equipe submissa tanto dentro das “quatro linhas”, quanto no posicionamento político diante da comissão técnica e da C.B.D. (Confederação Brasileira de Desportos) que era presidida pelo Almirante Heleno Nunes.

Na edição seguinte da revista, o Editorial louvará atitudes supostamente revolucionárias de dois jogadores: Rivelino que não gostou de ser substituído e Reinaldo que teria entrado no final da partida e abandonado o esquema tático na partida amistosa em que o Brasil vence a seleção peruana por 3x0. Segue abaixo a transcrição da emblemática opinião que possuía o título: “Enfim, dois heróis”

1- Enfim, a saudável rebeldia. O craque descobre o sutil limite entre a disciplina e a passividade. Disciplinado Rivelino aceita oito anos depois do México ir para a ponta. Ponta verdadeiro, um homem a mais no meio campo: bem isso é assunto para os teóricos do futebol. Aqui o que interessa é a disciplina – e o seu justo limite. Rivelino aceitou a missão, aceitou a posição. E, enquanto esteve em campo o velho Riva fez pensar -

também no garoto Rivelino. Foi um jogador disposto a luta, capaz até – por fome de gol – por fome de vitória de cometer a ingenuidade de aceitar uma sola facilmente evitável.

De repente Rivelino é sacado para a inútil entrada de Dirceu. E ensaia sua manifestação de rebeldia. Uma rebeldia, diríamos exemplar. Rivelino queria como ele disse lutar até o fim, cumprir os 90 minutos em busca do condicionamento físico ideal. Em busca da necessária readaptação a uma função que não desaprendera mas que – já veterano – se dispõem a aprimorar ainda mais.

Até aí o que confessadamente queria o jogador! Mas havia por trás dele algo mais: havia o desejo de milhões de torcedores ansiosos por um reencontro com o verdadeiro espírito do futebol brasileiro feito de talento, de garra, de disposição ofensiva. Só por isso Riva, merece ficar a te o fim, só por isso merece sua solidariedade. Ainda que arranhando a disciplina (embora estejamos convencidos que ele não a feriu, apenas lhe deu a verdadeira dimensão)

Ainda que para os padrões de um internato a antiga, o garoto do parque, deixasse de merecer, a esta altura uma nota 10 em comportamento.

2- Enfim, o craque. Com ou sem problemas Reinaldo entrou. Foi no final do jogo algo como uma compensação a ausência de Rivelino. Aos poucos ele foi compensando a falta de ritmo com o excesso de talento. Aos poucos, foi mostrando que não é o mero oportunismo, a simples insistência o único caminho para o gol. Aos poucos foi impondo ao resto do ataque seu próprio estilo, um estilo quase evangélico. Mais de enfrentar do que de provocar a violência. Um gol feito a mineira. De manso, sem demonstração e força, sem apelo a violência. A resposta perfeita aos que defendem no futebol ou fora dele o primado da força ou da prepotência.

3- Enfim, dois heróis bem brasileiros –bem próximo do que é nosso futebol, bem próximo do que é nossa torcida. Bem próximo do povo para que eles jogam e que venha ou não a vitória na Argentina é quem paga o espetáculo. (PLACAR:419, 8)

No primeiro trecho, dedicado à Rivelino, apesar da sua grande capacidade técnica, percebe-se uma exaltação maior a uma conduta levemente “rebelde” do jogador com a insatisfação ao ser substituído. O meio termo entre a disciplina necessária para um atleta profissional e uma conduta passiva que teoricamente seria imposta pelo padrão militar adotado pela comissão técnica de Coutinho é destacado como algo exemplar e digno de “solidariedade dos brasileiros”.

Com relação a Reinaldo, o caráter revolucionário da sua presença está explicitamente no texto associado ao seu talento futebolístico e representaria simbolicamente a primazia do futebol artístico em detrimento do futebol-força. Porém a discussão em torno do jogador naquele momento é mais complexa devido ao seu engajamento político. Acredito que de forma implícita a caracterização do centroavante do Atlético Mineiro como herói se configura também e uma crítica velada ao próprio regime ditatorial.

Nesta opinião da revista os dois “heróis” próximos do povo brasileiro seriam “rebeldes” e representantes de um suposto anseio popular por mais “espetáculo” e menos “dureza”.

Na mesma edição, uma reportagem exclusiva: “Três dribles no corte. Reinaldo garante: nem o joelho avariado, nem a política, nem o esquema tático o tiram da Copa”. É dedicada a debater as questões referentes ao jogador mineiro e a uma possível ausência na lista final que não veio a se concretizar. Especulava-se bastante que ele não iria ao torneio devido as suas opiniões políticas, uma entrevista polêmica para o semanário Movimento, e declarações do presidente da C.B.D. Questionado pelo repórter Sérgio Carvalho sobre essas questões, Reinaldo chega a admitir que teve receio de ser punido e se recusou a assinar um manifesto em protesto contra o regime argentino sem deixar claro se era favorável ou não:

- Fiquei até com medo quando cheguei a Paris. Uns jornalistas de lá vieram me procurar para falar do assunto. Como ninguém da seleção falara dessa entrevista no Movimento, achei melhor deixar a coisa de lado. Não dei entrevistas sobre o assunto mas continuaram a me procurar. Fomos a Hamburgo. E uns jornalistas –junto com um que tinha morado em Angola e falava bem o português – me procuraram para que eu assinasse o manifesto de Breitner contra a participação na Copa, em protesto contra o regime argentino.

- Fiquei até louco. Disse que não podia assinar, que estaria por fora, que não toparia. Aí falaram que iam ficar me esperando num jornal de Hamburgo. Nunca podia imaginar que essas coisas aconteceriam. Não fui. E fico imaginando como é que eles conseguiram entrar no hotel para falar comigo.

(E o repórter afirma na matéria sobre o comportamento do jogador e os boatos). Enfim, uma pista para o isolamento, algo além do jeitão, da timidez habitual...

Mas há um ponto da História em que o narrador não pode mesmo ser Reinaldo. Entraram outras vozes - e todas tendendo a confirmar a versão que o jogador estaria as vésperas do corte, não por causa de um joelho problemático, mas por causa de uma entrevista fatal, de umas ideias incômodas, entrevistas e ideias sempre vinculadas à previsão do presidente da C.B.D no sentido de que Reinaldo não chegaria aos jogos na Argentina. (PLACAR: 419, 16)

O pesquisador Euclides de Freitas Couto (2010) em artigo⁴ que discute a condição dos jogadores Reinaldo e Afonsinho como ícones da resistência de esquerda no país ao longo da década de setenta comenta sobre a repercussão da entrevista do centroavante ao semanário alternativo “Movimento”:

⁴ O artigo “A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)” foi publicado na Revista digital Recorde de História do Esporte em junho de 2010.

As declarações publicadas pelo semanário Movimento provocaram, de fato, uma enorme polêmica. No calor dos acontecimentos, a grande imprensa noticiava que o almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, cogitava o corte de Reinaldo da lista dos convocados para a Copa da Argentina, sob a alegação de que “Reinaldo não possui as condições físicas exigidas por uma competição de alto nível”. Desmentido – ou camuflando – qualquer motivação política para a provável decisão, o almirante isentava o governo militar de qualquer intervenção nos assuntos futebolísticos.

A questão assumiu a dimensão de um debate nacional: O jogador de futebol deve ou não expressar suas posições políticas? Reinaldo deve ser cortado por não concordar com a política do governo? – perguntavam os programas esportivos radiotelevisivos. Em 1978 as garras da ditadura já não se mostravam tão afiadas como no período das duas Copas anteriores. A imprensa já possuía certa autonomia para promover discussões políticas; mas, apesar disso, devido ao longo período de intervenção oficial, os jornalistas não sabiam muito bem como lidar com esta relativa liberdade. Além dos debates promovidos na mídia – importantes instrumentos para a formação da opinião pública –, a imprensa alternativa da época também buscava pressionar a CBD. (COUTO:2010,16)

Contrapondo a matéria de Placar citada anteriormente com a análise de Couto (2010) que chegou a entrevistar “a posteriori” o jogador para a elaboração da sua tese de doutorado, é possível perceber que naquele momento os atletas sofriam uma censura tácita dentro da seleção e Reinaldo teria sido induzido a “driblar” os assuntos políticos e dar declarações evasivas para permanecer no grupo diante do repórter de Placar.

Entretanto como ressalta Couto (2010) a opinião pública tinha muita força e a conjuntura histórica possibilitava uma resistência maior do que nas Copas anteriores, e estes fatores viabilizaram uma grande pressão pela manutenção do jogador no grupo que foi a Argentina, apesar das resistências políticas oriundas, sobretudo do Almirante Heleno Nunes, integrante do partido governista ARENA, a “Aliança Renovadora Nacional”.

Outra arma frequentemente utilizada pela imprensa para pressionar a CBD era a própria opinião pública. O descontentamento com o possível corte de Reinaldo da seleção brasileira fez eclodir diferentes manifestações de apoio ao jogador. De todo o Brasil chegavam cartas de solidariedade ao craque na sede do Atlético; nas rádios e nas emissoras de TV, aconteciam calorosos debates em torno da questão. Em Belo Horizonte, principal reduto da torcida atleticana, os estudantes da Universidade Católica de Minas Gerais, utilizando um instrumento de expressão política bastante comum na época, imprimiram seu protesto nos muros da própria instituição de ensino: “Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”.

Segundo Reinaldo, a frase ganhou os noticiários nacionais, tornando-se um dos símbolos do seu retorno à seleção brasileira:

Depois de toda essa discussão, essa polêmica, essa pressão que partia de todos os lados, os caras tiveram que voltar atrás. E se eles me deixassem de fora e o Brasil perdesse a Copa por causa disso? De quem a seria a culpa? Todo mundo sabia que o Heleno de Freitas é quem batia o martelo nas convocações. Se ele não me levasse, a seleção teria que ganhar de

qualquer jeito. Foi por isso que ele voltou atrás. Ele não era bobo. Ele sabia que me levar era uma questão de interesse político.(COUTO:2010, 16-17)

Uma matéria que denuncia explicitamente a falta de liberdade de expressão dentro da seleção foi redigida pelo jornalista Raul Quadros e possuía o seguinte título: “Dirceu levou um sermão por ter falado demais. Resultado: quem meter o nariz onde não deve cairá fora da seleção”. Segundo o articulista dentro da seleção não havia escolha e isso talvez explique o fato de Reinaldo não ter sido objetivo em suas declarações para a revista e ter se assustado com a repercussão internacional. Segundo a reportagem:

A ordem é a seguinte:

Agora quem falar além da conta cai fora!

Presidente da Comissão técnica, o cartola André Richer, revela em português claro, o que irá acontecer se qualquer dos 23 jogadores da seleção imitar o exemplo de Dirceu...

O jogador fizera críticas a Coutinho e Rivelino.

“Ninguém tem opinião. Não pode falar o que pensa a um amigo e a comissão técnica está recebendo pressão de autoridades para eu ser repreendido. Seleção não é só comissão de jogadores – até o presidente da República fica preocupado”.

Foi a conta. Horas depois, o ponta brasileiro era metido dentro de uma Kombi e remetido para o Rio de Janeiro. Mas exatamente a sede da C.B.D onde André Richer já o aguardava para um severo e ostensivo sermão.

Entre os jogadores, o impasse era motivo de comentários em voz baixa, nada de falar publicamente, gesto que, viu-se bem, não resguarda a saúde de quem pretende ir a Argentina. (PLACAR:420, 11)

Em outra reportagem intitulada “Tenho direito a crítica” o mesmo jornalista, junto com Maurício Azedo teria entrevistado o jogador Paulo César Caju que fez ostensivas críticas a falta de liberdade de expressão dentro da seleção e acusa à comissão técnica de não convocá-lo devido as suas ideias. O atleta que disputou as Copas de 1970 e 1974 se dizia injustiçado por não aceitar imposições ao seu direito de se expressa e reivindicar:

Na verdade, essa história de liderança negativa está relacionada com meus pontos de vista. Dentro do futebol brasileiro o jogador não pode criticar o treinador. A Federação, a CBD, a estrutura do futebol, nada. Mas não aceito isso, se sou criticado, se todos os jogadores são, tenho o direito de criticar. No momento em que me afastam da seleção, tenho autoridade para criticar. Sei que tenho futebol para integrá-la. Por que me excluam se sou considerado pela crítica e pelo povo um dos melhores jogadores brasileiros ao lado de Rivelino e de Zico e mais uns poucos? Tenho de ser julgado pelo que signifique dentro de campo. Também não abro mão do meu direito de reivindicar, embora saiba que me prejudico com isso. Foi o que ocorreu no torneio final de classificação para a Copa, o Mundialito de Cáli disputado no ano passado. Numa reunião dos jogadores com a comissão técnica, o diretor de futebol da CBD André Richer disse que o prêmio pela vitória nos dois jogos seria de 500 dólares. Como notasse a insatisfação entre os jogadores, disse que quem não estivesse de acordo

poderia levantar o braço e falar porque a CBD daria logo as passagens de volta; como se qualquer ponderação fosse uma indisciplina. Pois eu pedi a palavra para reivindicar o aumento do bicho. Lembrei que, em 1969, o prêmio tinha sido de 1000 dólares por uma vitória que valia a classificação e não era justo que oito anos depois o prêmio pago fosse inferior. Sei que minhas palavras desagradaram, mas eu tinha de fazer isso, porque temos o direito de reivindicar, como fazia o Carlos Alberto em 1970 sem que o diretor da C.B.D, Dr. Antônio do Passo, considerasse isso uma indisciplina. Se é por isso, que me excluam, digam logo. Mas não pense que vou ceder meu direito de reivindicar, isso nunca (PLACAR:418, 8)

Independentemente de Paulo César Caju ter ficado de fora do mundial devido a questões técnicas ou por motivos disciplinares, o fato é que sua figura incomodava politicamente a comissão técnica. A reprodução das suas declarações em longa entrevista é emblemática, pois se Reinaldo teve que se calar para permanecer no grupo, Caju podia falar abertamente.

O fato é que ambos os jogadores, além de Rivelino e até mesmo Dirceu foram explicitamente elogiados por seus comportamentos supostamente rebeldes. Eram vozes contra a disciplina e o militarismo imposto pela C.B.D do Almirante Heleno Nunes.

b) A retórica do “futebol brasileiro” em oposição ao “futebol-força” de Cláudio Coutinho.

Desde a citada excursão no mês de abril que antecedeu a Copa, que o debate entre o futebol força e o suposto “verdadeiro” estilo brasileiro já estava presente.

No editorial do número 416, por exemplo, cujo título foi “O instinto salvador: foi um jogo a brasileira”, o jornalista Jairo Régis compara o desempenho apresentado na derrota para a França em Paris por 1 a 0 com a vitória pelo mesmo placar conseguida sobre a Alemanha Ocidental em Hamburgo, campeã do mundo na copa anterior, apontando ironicamente um renascimento do “genuíno” futebol brasileiro e estabelecendo algumas críticas a importação de modelos táticos e técnicos europeus apesar de vislumbrar uma eventual competência de Cláudio Coutinho.

Entre o vexame de Paris e a vitória de Hamburgo houve algo mais que a simples inversão do resultado. Houve a diferença essencial no que mostramos em Paris, ninguém ousaria reconhecer a essência do futebol brasileiro. Foi talvez o jogo da aplicação. De fato, Toninho e Dirceu, quase todos se esforçaram para demonstrar o bom conhecimento dos principais itens das lições que vem há meses recebendo. Tal como acontece com as crianças mal ensinadas, eles executaram a lição de cor. Quantos overlappings fez por exemplo, o aplicado aluno Toninho? Terá feito muitos, sem a mínima consequência, o que colocaria sob suspeita pelo menos os métodos didáticos do professor. Era convertida à prática a tese que nada se cria, tudo se copia, mal, é claro.

Na Alemanha foi diferente e nada indica que foi graças a algumas substituições. Na Alemanha, terá sido antes de tudo, a verdadeira luta pela sobrevivência. O tal tipo de luta em que o instinto pesa mais que as teorias, em que a própria noção de perigo leva à redescobertas da personalidade, Antes que se definam a técnica, a tática, o esquema porventura adotado, é preciso aceitar a evidência. A seleção jogou dessa vez, futebol brasileiro. Foi com fome de bola e lance por lance foi ganhando a briga por sua posse. Depois veio a conquista do terreno, depois o gol. Mas tudo dentro de uma perfeita lógica, a invencível lógica da autenticidade. Um jogo em que todos devem ter aprendido (afinal é tudo uma questão de capacidade de aprender): os jogadores, o técnico a torcida. E já que conseguimos driblarão menos nesse jogo o embasbacamento colonizado ante as novidades alheias – o overlapping, o ponto futuro – devemos crer que os alemães também aprenderam, até aí a lógica. Mas houve de fato algumas surpresas. Zé Maria atacando mais do que se poderia prever, o time lutando heroicamente e um preparo físico que faz crer na competência que o orienta. (PLACAR:416,3)

Todavia a competência de Coutinho mesmo antes do torneio é muitas vezes colocada em dúvida segundo a própria revista independentemente do seu preparo intelectual. Em reportagem cuja manchete é “A torcida exige vitórias, a imprensa quer explicações para tudo: ser técnico da seleção é viver no inferno”, as qualidades do treinador são destacadas porém é possível perceber um tom irônico em relação aos termos utilizados e a sua origem militar:

Tática militar

Além do autodomínio, Coutinho têm outras qualificações que o fazem desempenhar com segurança e brilho o papel não apenas de técnico mas também de porta-voz da seleção. A vivência no Exército no qual saiu no posto de capitão para dedicar-se exclusivamente ao futebol deu-lhe capacidade de liderança e comando, proporcionou-lhe acesso a cursos no exterior, principalmente nos Estados Unidos, ensinou-o a se conduzir diante de obstáculos e lidar com homens e grupos.

A tudo isso juntou atributos pessoais raramente encontrados no comum dos técnicos. O curso superior que fez no Exército foi enriquecido pelo conhecimento de línguas estrangeiras – inglês, francês e espanhol, pelo menos – pela riqueza do vocabulário, pela imaginação criadora – responsável por alguns achados recentes como “ponto-futuro” e também por desencontros como “futebol aéreo” utilizado para justificar a escalação de Nunes. (PLACAR:420, 8)

No editorial da edição seguinte a ironia com relação às preocupações táticas de Coutinho é ainda mais contundente:

Sobre Coutinho

O repórter Raul Quadros, enviado de Placar ao jogo de Recife conta o susto tomado pelo intruso que, ao abrir a porta do quarto de Coutinho, deu com dezenas de setas rabiscadas em todas as direções. O nosso técnico lera em inglês, mais um livro sobre futebol e expandia em todos os sentidos, as conclusões que tentava chegar. Ótimo isso, que alguém resolva estudar, aprender, transmitir, mas não haverá um certo exagero

nesta dedicação quase integral a teoria? Achamos que sim. Achamos que os tecnocratas, por mais que conheçam as receitas, acabam errando o tempero. E se são capazes de transmitir suas teorizações dificilmente conseguem, saudosismos a parte transmitir essa segurança que o velho Brandão a distância segue transmitindo
Ao jovem Zé Maria. (PLACAR:421,15)

Ao longo do torneio em função da oscilação dos resultados da equipe, é possível perceber também uma ambiguidade em relação à análise da seleção de Coutinho. Nas boas apresentações, o planejamento tático, a garra, a força da equipe eram características exaltadas, inclusive após o empate em 0 x 0 contra a Argentina conhecido como a “Batalha de Rosário”. Em compensação após a frustração da eliminação de uma seleção invicta que seria alcunhada de campeã moral, as críticas ao treinador e ao estereotipado futebol-força são veementes e estão presentes em diversas reportagens e seções da revista, sobretudo após o final do torneio.

Chega a ser emblemático o editorial do número 427 assinado por Jairo Régis intitulado “Fora!Basta!Chega!” onde as críticas são dirigidas também a própria estrutura da C.B.D e sua relação com a ditadura militar. Coutinho se torna uma metáfora de um autoritarismo arcaico e seu preparo tático é novamente minimizado a uma nociva “tecnocracia”.

O terceiro lugar na Copa do Mundo é um resultado que desmoraliza o futebol brasileiro? De nenhuma maneira. É um posto honroso do qual muitos poderão se orgulhar com justa razão, embora não satisfaça o apetite de vitórias de nossos torcedores.

Por que, então tanto mau humor, tanta carranca em face da atuação da nossa seleção na Argentina?Por que, a rigor o futebol de marca brasileira não esteve presente a esse mundial. Levado pela mão do capitão Coutinho, nosso futebol perdeu as raízes,perdeu a cultura, despersonalizou-se nos overlappings, nos pontos futuros e na verticalidade lateral, última invenção verborrágica para encobrir a bobagem de jogar sem pontas. Talvez não tivéssemos mesmo futebol suficiente para disputar a finalíssima. Mas isso não anula o fato de que por pura covardia do capitão Claudio Coutinho – covardia tática? covardia estratégica? covardia profissional? Não ousamos tentar vencer a Argentina em Rosário. Nosso capitão se declarou satisfeito com o empate em zero, embora todos temêssemos um saldo de gols insuficiente, como acabou acontecendo. Na vitória por 3 a 0 contra o Peru, o capitão Claudio Coutinho se declarava muito feliz, embora soubéssemos de antemão que a Argentina poderia vencer o mesmo adversário, por escrete maior – como de fato venceu...

Pois a coisa feia, vergonhosa e covarde repetiu-se em Buenos Aires na tarde em que conquistamos nosso terceiro lugar. Vencíamos por 2 a 1 e nosso capitão Coutinho levantou-se apoplético do banco para avisar nossos craques de que faltavam sete minutos para terminar o jogo na repetição da ordem covarde, presenciada por quase 1 milhão de assistentes de televisão em todo o mundo. Isso é que é na verdade projetar uma imagem negativa do Brasil para o mundo. A imagem da covardia, que não

corresponde nem a verdade cívica e muito menos a verdade esportiva do nosso país. É verdade que o Peru entregou o jogo para a Argentina. Mas isso não nos absolverá nunca de nossos próprios pecados. E o maior deles é continuarmos admitindo uma cúpula tão incompetente como a que temos dirigindo nosso futebol. Do Almirante Heleno Nunes ao cartola André Richer, a incompetência faz o seu carnaval impune e preche de mordomias escandalosas. E quem paga o pato é o pobre futebol brasileiro. (PLACAR:427, 2)

É importante ressaltar que no ano seguinte ocorreu uma grande reformulação do futebol brasileiro com a criação da C.B.F (Confederação Brasileira de Futebol) que naquela conjuntura histórica pode ser considerada como uma ruptura revolucionária devido a possibilidade de desvincular o esporte mais popular do país do controle estatal e nesta época da intervenção militar.

A vitória na disputa do terceiro lugar contra a Itália marcaria novamente a exaltação do “futebol a brasileira” e o acionamento dos supostos rebeldes que simbolizariam o genuíno estilo nacional: Reinaldo e Rivelino. A reportagem intitulada “Jogando à brasileira, a seleção chegou a vitória” endossa as críticas ao modelo tático apresentado por Coutinho, e supervaloriza o “estilo nacional”:

A entrada de Reinaldo é verdade, já tinha contribuído para animar e melhorar um pouco as coisas. O baixinho corria por todos os cantos do ataque desarrumando a defesa italiana, perturbando a vida de Cabrini e de quem mais saía para ajudá-lo. Foi aí, então, que entrou Rivelino. Gordo, apertado num calção que revelava seus excessos, com pinta de quem não ia querer nada, aceitando substituir Cerezzo apenas para cumprir as ordens do técnico, mas tudo também a brasileira, não passava de falsa observação. Não que tenha se tornado com excesso de graxas e com os tornozelos ainda enfaixados, o cérebro do time. O jogador que desejava ser nesse último Mundial – comandando o time, provando merecer as observações de que realmente se trata do único grande craque que ainda corre pelo Brasil, remanescente daquele grupo que só jogava a brasileira não chegou a ser nada daquilo, o jogador que finalmente se destacaria nesta Copa de nível tão achatado, mas foi – lá isso foi – o arruaceiro, o moleque de rua que o time precisava, que Reinaldo esperava para ajudá-lo e que o próprio jogo necessitava (PLACAR: 427, 4)

Neste sentido a suposta rebeldia criativa de Rivelino e política de Reinaldo contribuiriam para a resignificação do “verdadeiro” futebol brasileiro que deveria se opor ao autoritária e tecnocrata futebol-força personificados na figura emblemática do Capitão Cláudio Coutinho que acabou sendo apontado como o principal vilão do fracasso brasileiro na Copa da Argentina, independentemente da sua postura taticamente considerada pela própria revista como inovadora, da campanha invicta e da alcunha de campeão moral.

Até mesmo na seção Carta dos leitores Coutinho é vilanizado. Segundo Rui Carvalho Neto de Belo Horizonte:

O que se pode falar do senhor Coutinho? Tudo bem, claro que ele dirá que não, mas diante do que vem declarando podemos chegar a uma conclusão: ele pensa que fomos longe demais, e que a terceira posição está muito bem. No entanto, se formos analisar o nível técnico de outras seleções do passado chegaremos a um só ponto: estamos mal e estaríamos pior se tivéssemos que nos defrontar com uma Polônia de 74 ou qualquer outra seleção desse nível. Ora se temos um culpado: Coutinho. (PLACAR:428, 28)

Considerações finais

O presente artigo buscou estabelecer reflexões sobre a cobertura da Revista Placar na Copa do Mundo realizada na Argentina e os possíveis desdobramentos críticos ensejados tanto nos editoriais quanto em reportagens isoladas.

A elevação de alguns jogadores a condição de heróis (Reinaldo, Rivelino, Dirceu, etc) devido a uma suposta postura “rebelde” no campo ou nas entrevistas que pareciam contrárias à disciplina e o autoritarismo do regime na minha interpretação é exagerada. Porém simboliza a conjuntura política em que se encontrava o país e a possibilidade de flexibilidade que uma revista esportiva pode atingir mesmo em períodos ditatoriais.

A depreciação do treinador, ex-capitão do Exército, Cláudio Coutinho e de seu planejamento tático, influenciado por modelos e teorias importadas, que foi reduzida à expressão “futebol-força” parece estar em uma lógica de privilegiar a liberdade em detrimento da ordem e de qualquer alusão a referências da caserna.

Utilizando boas ironias e estereótipos do suposto estilo de jogo brasileiro de praticar futebol, a cobertura futebolística do torneio pelo periódico transcende os gramados e adentra nas aspirações sociais de redemocratização e acusações veladas ao regime militar. O treinador oriundo dos quartéis passa a personificar a decadência da ditadura e o fracasso futebolístico brasileiro adquire contornos ideológicos.

Finalizo com as declarações dos atores Mario Lago e Dênis Carvalho a revista após o torneio que são emblemáticas do espírito irônico vigente e ao mesmo tempo que se constituem em críticas veladas à ditadura, apontam problemas táticos da equipe:

Craneando calmamente sobre nossa seleção cheguei a conclusão de que faltaram duas coisas: esquerda e diálogo. O que aconteceu portanto foi um problema ideológico. Nessa comissão técnica de alto a baixo, de Heleno Nunes a Coutinho você nota que ninguém topa a esquerda e nem está muito a favor do diálogo, daí resultando o isolamento de nossos pontas-de-lança. (MARIO LAGO)

O longo tempo de concentração e militarização de nosso futebol desfiguraram a seleção. Isolados e ouvindo o monólogo de Coutinho, os jogadores só podiam mesmo virar robôs. Despessoalizados, impedidos e criar jogadas geniais, quando os gols surgem naturalmente, nossos jogadores se perderam. Só podia dar no que deu. (DÊNIS CARVALHO)

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

COUTO, Euclides da Cunha. “A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)” . In Revista digital Recorde de História do Esporte junho de 2010. Acessada em 20/06/2014.

MALAIÁ, João. *Placar:1970*. In: *O Esporte na Imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Orgs: Bernardo Buarque de Hollanda e Victor Melo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina:1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Vintiuno Editores, 2011.

PLACAR, Revista. Números 415-418.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2001.